

## O SULTANATO DA PENA

### PRESS RELEASE

Escrever sobre a “Propriedade Real da Pena”, com tudo aquilo que comporta, tanto no âmbito do seu “Paço acastelado” quanto no parque envolvente, é ocupação para muitas vidas e, ainda assim, matéria inesgotável. Contudo, muitos são aqueles que, hoje como ontem, não conseguindo fugir às malhas dos encantos e enigmas propostos pelo sublime espírito do lugar, se sentiram compelidos a abraçar o desafio de tentar vislumbrar-lhe o essencial das suas motivações conceptuais; embrenhando-se na busca do significado subjacente aos elementos que o compõem, do espólio documental que lhe foi dedicado e das inspirações emanadas da personalidade do seu “inventor”: o Senhor Dom Fernando II.

É nesse sentido que ora se apresentam duas novas publicações que, pese embora o facto de se diferenciarem na forma e no conteúdo, deverão ser entendidas como complementares, entre si.

Assim, se por um lado, no primeiro volume, a publicação pretendeu eleger, como seu fulcro, “*dar a conhecer, na íntegra, a notícia publicada em 1848, no Diário do Governo*” – na parte não oficial –, da mais que provável autoria de Marino Miguel Franzini, com o proposto intuito de relatar as “*obras que estavam a decorrer no Convento da Pena*”, por iniciativa daquele monarca, “*e a suas expensas*”, de modo a convertê-lo numa residência de veraneio para a Família Real, já o segundo volume surge como compulsão do trabalho desenvolvido no primeiro, abordando uma multiplicidade de temas por ele suscitados e adoptando uma fisionomia fascicular; recuperando uma fórmula editorial agora desusada, mas muito em voga nas produções periodísticas do século XIX que, uma vez coleccionadas e compiladas, se constituam numa unidade literária consistente, em que a súpula das partes – embora diferentes e com matizes próprios – se harmoniza para o concerto do todo.

Cumpramos agora dizer – e apraz-nos sobremaneira referi-lo – o facto de o autor e co-autores destas publicações não serem “profissionais da historiografia” mas, antes, alguns amigos que, como muitos outros espíritos curiosos – nós incluídos –, se deixaram enamorar pela história sintrense e, designadamente, pela obra legada por D. Fernando II. Não obstante, o seu empenho e entusiasmo, enquanto “*buscadores de mistérios*” (as aspas são nossas), a particular agudeza do seu ânimo na interpretação da muita documentação manipulada e uma incessante demanda pelas respostas correctas e irrefutáveis, levou-os a avantajarem o âmbito da investigação trazendo à colação do público, em geral, questões relevantes sobre certos elementos emblemáticos – e, quantas vezes, enigmáticos

– que marcam o espaço físico da Propriedade Real da Pena, procurando lançar sobre eles alguma luz que permita lê-los em contexto, sem, contudo, lhes presumir, em muitos casos, uma explicação cabal.

Porquê, o “Sultanato da Pena”?

Esta designação foi por nós congemorada, no tempo em que andávamos a laborar na concretização da nossa tese de mestrado – apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Maio de 2011 –, a qual reflecte, sobretudo, a percepção que advém da nossa vivência diária do espaço – ao longo de já vários anos – e das multi-facetadas informações emanadas daquilo a que gostamos de designar como o espírito do lugar. Segundo parece, o título caiu bem aos autores destas publicações e, assim, decidiram pedir permissão para o adoptar; ao que, obviamente, assentimos.

É na senda de um melhor entendimento das qualidades intrínsecas do lugar – a um tempo individualizado e universal – que se desenvolveram os dois volumes da obra dos nossos autores. O convite que formulamos, é que nos acompanhe ao longo deste caminho.

Nuno Miguel Gaspar, 29-10-2017